

## ***O culpado,* de Georges Bataille**

Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 296 p.

**Mônica de Ávila Todaro**

Doutora em Educação pela UNICAMP.

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, MG – Brasil  
mavilatodaro@ufsj.edu.br

Quem já leu Georges Bataille? O que esse escritor francês nos deixou como legado? Quais de suas obras estão presentes em nosso país? Seu pensamento alimenta quais teóricos?

Pensador da totalidade da experiência, escreveu colocando em evidência a unidade do espírito humano. De acordo com Roland Barthes (1984), “na verdade, Bataille escreveu textos, ou mesmo, talvez, sempre um só e mesmo texto”. Segundo o próprio autor, “a desordem é a condição deste livro” (p. 50) que aqui se pretende, de maneira sucinta, resenhar.

Grande parte de sua obra não foi traduzida para o português, mas por aqui temos: “Suma ateológica”, “Teoria da religião”, “História do olho”, “A parte maldita”, “A experiência interior”, “O erotismo”, “A literatura e o mal”, “Sobre Nietzsche: vontade de chance”, entre outras, nas quais o diálogo está na base de seus escritos. Seu pensamento oferece sabores essenciais para aqueles que pretendem desfrutar do pensamento filosófico contemporâneo.

O livro *Le coupable*, publicado na França em 1944, ganha a tradução de Fernando Scheibe (Doutor em Teoria Literária pela UFSC, com tese sobre o conceito de soberania na obra de Georges Bataille) e nos é disponibilizado pela respeitada Autêntica editora, em 2017. O tradutor, nas páginas iniciais do livro, apresenta a obra e justifica duas escolhas que cabem aqui destacar: *chance* (traduzida como chance), uma noção ligada mais ao acaso do que à sorte; e *néant* (Nada), que aparece no seu uso mais substantivo: “o Nada”.

Sob o título de “O culpado”, Scheibe nos ensina que o livro foi o recorte do diário de Bataille, mas que perdeu um pouco esse caráter. O autor, numa entrevista, afirmou que “foi o primeiro livro que me deu uma espécie de satisfação

[. . .]. É talvez o livro em que sou mais eu mesmo [. . .] porque o escrevi numa espécie de explosão bastante rápida e contínua”.

A obra em questão tem suas 291 páginas divididas em: A amizade; As desgraças do tempo presente; A chance; e A divindade do riso. Em seguida ao apêndice, é acrescentado um texto de 1947: A aleluia – catecismo de Dianus. Cada trecho é composto por frases curtas repletas de reflexões aprofundadas, num cenário de guerra.

Somos culpados, *monsieur* Bataille? De quê? De nossos desejos? De nosso inacabamento? De uma vida que nem sempre é o encantamento? “O homem é culpado: ele o é na medida em que se opõe à natureza” (p. 172), afirma o autor. A natureza não nos julga, mas o cristianismo funda-se na intolerância do homem para com ela.

Já que, para o grande pensador do século XX, “A potência maior é compensada por um sentimento de fragilidade exarcebada” (p. 36), então a potência da referida obra reside no fato de transitar entre a literatura e a filosofia, levando os leitores para fora de si mesmos, como se a “vida fluísse em rios lentos através da tinta do céu” (p. 39).

Além disso, ao longo do texto, Bataille nos alerta quanto “à selvagem impossibilidade que sou, que não pode evitar seus limites, e tampouco pode se manter neles” (p. 47). Isto é, ao falar de si, o autor gera reflexões e oferece recursos para pensarmos em nós.

Se “a autonomia do homem é física”, então somos corpos livres, com vontade própria, para gerir a vida. “Vagidos de alegria, risos pueris, esgotamentos precoces” (p. 57), disse Bataille se diz feito. Ele pensa o corpo como veículo para compreensão do ser humano. Tal ideia me representa. Concordo plenamente com a mesma.

Enfim, “O culpado” merece ser lido tal qual um mergulho nos abismos daquilo que não sabemos. Sem facilidades. Acredito que, no momento de encontro com suas palavras que libertam, “se dissolverão em ti e se soltarão esses laços que obrigam o ser à solidez” (p. 206). As vias que Bataille mostra no livro são aquelas pelas quais não apenas ele passou, mas as que nos fazem compreender quem somos. É claro que esse é o meu olhar a respeito desta obra, mas o convite à leitura está feito.

---